



Samba, Ciência e outras formas de criar mundos

Samba, Science and other ways of creating worlds

 **Neilton dos Reis**

Doutor em Educação

Universidade Federal do Oeste da Bahia – UFOP

Barreiras, Bahia – Brasil

neilton.dreis@gmail.com

 **Pedro Julio Reynor Cruz dos Santos**

Licenciado em Ciências Biológicas

Secretaria de Educação de Tocantins – SEDUC

Novo Jardim, Tocantins – Brasil

Resumo: Esse artigo tem por objetivo discutir quais mundos a Ciência (letra maiúscula) e formação docente universitária têm construído; e também quais mundos as outras ciências (letra minúscula) e, logo, outras formações na universidade, têm inventado; e quais os possíveis podemos criar, na perspectiva do Bem Viver. Para isso, partimos a) do desfile “História para Ninar Gente Grande” da escola de samba Estação Primeira da Mangueira, b) de uma palestra na Universidade Federal do Oeste da Bahia e c) de relatos (auto)biográficos na intenção é estabelecer uma relação com a formação universitária e a Ciência enquanto narrativas com força de criação e forma de ficção. Metodologicamente, o texto entrelaça esses três elementos narrativos e, mais que discutir a (auto)biografia ou samba, opera com eles. O resultado é um entendimento de como as narrativas constroem mundos seja em sambódromos, seja em universidades.

Palavras-chave: ciência; bem viver; ficção; samba.

Abstract: This article aims to discuss which worlds Science (capital letter) and university teaching training have built; and also which worlds the other sciences (lowercase letter) and, therefore, other training at the university, have invented; and what possibilities we can create, from the perspective of Good Living. To do this, we started a) from the “História para Ninar Gente Grande” parade by the samba school Estação Primeira da Mangueira, b) from a lecture at a Federal University and c) from (auto)biographical reports with the intention of establishing a relationship with the university education and Science as narratives with the strength of creation and the form of fiction. Methodologically, the text interweaves these three narrative elements and, more than discussing (auto)biography or samba, operates with it. The result is an understanding of how narratives build worlds, whether in sambadromes or universities.

Key-words: science; Sumak Kawsay; fiction; samba.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

REIS, Neilton dos; SANTOS, Pedro Julio Reynor Cruz dos. Samba, Ciência e outras formas de criar mundos. *Dialogia*, São Paulo, n. 49, p. 1-15, e26861, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/49.2024.26861>

American Psychological Association (APA)

Reis, N. dos, & Santos, P. J. R. C. dos. (2024, maio/ago.). Samba, Ciência e outras formas de criar mundos. *Dialogia*, São Paulo, 49, p. 1-15, e 26861. <https://doi.org/10.5585/49.2024.26861>

Sim, lá vem a Estação Primeira de Mangueira, trazendo seu povo, seu chão. Vem alegre, garbosa e feliz se apresentar no desfile da Sapucaí e vem bem, vem Mangueira contando a história que por tanto tempo, não nos foi ensinada e na cabeça de muitos jamais deveria ser contada. Mas essa Mangueira nascida, habitada por um povo simples e tão pobre que intrigou o poeta em como esse povo, em meio a tantas dificuldades, podia cantar. E esse povo não apenas canta, mas vem nos encantar contando a História que a História não conta. Vem mostrar o avesso do mesmo lugar. (Liesa, 2019, p. 384)

Concentração

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
(Liesa, 2019, p. 377)

A primeira cena é: carnaval de 2019, na avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro. A escola de samba Estação Primeira de Mangueira aquece sua bateria e inicia o canto com “Mangueira, tira a poeira dos porões!”. A partir dali, durante 71 minutos, a escola e seus 3500 componentes fariam o Brasil reescrever a própria história, desmontando as ficções que a História (com H maiúsculo, de Homem) tem contado. Foi o desfile-enredo “História para ninar gente grande”, assinado pelo carnavalesco Leandro Vieira e que se encerrava com uma bandeira “Índios, negros e pobres”.

A segunda cena: um auditório de uma Universidade na região oeste da Bahia com educadoras/res e futuras/os educadoras/res reunidas/os. O ano é 2023 e a ocasião é uma palestra que pretende pensar a Ciência – e a Universidade – a partir daquela história que já foi reescrita em um carnaval. A partir dali, durante 40 minutos, aquelas pessoas são regidas entre as políticas e as poéticas do que é ficcionar o mundo através das ciências (agora no plural). Ao final da palestra, não há perguntas, apenas uma colocação: “podemos pendurar uma bandeira na entrada do prédio?”. A bandeira dizia “Ciência-Universidade de todes”. E assim foi feito.

A terceira cena: dois educadores se sentam em frente a uma tela de computador com *word* aberto e escrevem. Não. Dois educadores vivem e depois se sentam em frente a uma tela de computador com *word* aberto e escrevem. Não. Dois educadores inventam suas vidas em frente a uma tela de computador com *word* aberto através da escrita.

Ainda que cada cena se reporte diretamente à outra, acreditamos que os acontecimentos de gozo em cada uma (a reescrita da história, a tomada da fachada da Universidade e a invenção da vida) poderiam acontecer por movimentos outros. Porém, por ser em processo atrelado, nasce uma coisa: esse texto. Ele não estava pronto quando essas cenas aconteceram. Nada estava — à exceção, talvez, dos carros alegóricos da Mangueira e de umas certas bandeiras. Nele, estamos vendo a oportunidade de convidar mais gentes a sentir e pensar aquilo que estamos sentindo e pensando desde o carnaval de 2019, passando pela palestra de 2023, chegando ao movimento de invenção da vida (ou escrita) em um arquivo de *word*.

Assistimos ao desfile no Sambódromo do Rio de Janeiro; movimentamos aquela palestra anos depois. Por muitos motivos aqueles momentos foram emocionantes. Hoje, enquanto escrevemos isso, os percebemos como cartas de amor. “Brasil, meu nego, é na luta que a gente se encontra”, canta o samba. “Universidade, minha nega, é na luta que a gente se transforma”, cantamos na palestra. Há um romance, uma conquista.

Nesse texto, vamos acompanhar desfile-palestra-invenção. Em 2019 e em 2023 — e mesmo agora em 2024 —, nós não sabíamos, mas estamos em vias de perceber que é amor que está sendo cantado. Amor e outras coisas que, agora, tentamos elaborar. Queremos traçar um paralelo entre samba e a formação de educadoras/res para a ciência. Sabemos que muitos paralelos poderiam ser traçados. Por exemplo: o desfile poderia ser a defesa de um trabalho de conclusão de curso; os jurados, a banca; as passistas, a bateria, os foliões, seriam as pesquisadoras; o barracão onde se constroem as fantasias, um laboratório; os sambas-enredo, poderiam ser livros técnicos.

Mas, não é sobre isso que queremos tratar. Não sejamos tão alegóricos!

A aproximação que queremos sentir-pensar nesse texto é que as duas coisas (samba e ciência) constroem narrativas sobre o que é o mundo. Narrativas inventadas, ficções. E, logo, constroem o próprio mundo a partir disso. Ou mundos, no plural.

Assistimos a um novo mundo surgir naquele desfile e, de forma parecida, vimos a possibilidade de surgimento de novos mundos na formação docente universitária naquela palestra. Repare que “possibilidade de” é bastante diferente de “certeza”.

O samba é uma forma de dizer de si-nós. A formação universitária e a ciência, podem ser? Queremos, nesse texto, entrelaçar cenas desse desfile da Mangueira, dessa palestra para educadoras/res na Universidade e da nossa própria invenção (auto)biográfica. Mais do que elaborar teoricamente sobre os caminhos metodológicos, suas potencialidades e desafios, de um movimento (auto)biográfico para a formação universitária e a ciência — o que já foi realizado em trabalhos anteriores (Dos Reis, 2022) — queremos operar com essa possibilidade epistemológica.

Queremos, aliás, fazer essa aproximação entre samba e ciência sendo justos com o que foi aquele carnaval de 2019. E não estamos falando de cachaça, beijar sem saber o nome e doenças venéreas. Estamos falando de carnaval. Carnavall, esse momento único em que temos um acordo coletivo. Um acordo em que todo mundo é lindo, todo mundo sabe cantar, que todo mundo está alegre, que os amores são eternos até o fim do bloco. Isto é, um acordo de um mundo novo de confusão, mistura de elementos, e... Glitter.

Nova cena: imaginem uma travesti chamada Babalu, besuntada em glitter, sambando no carnaval promovido pelo Bloco do Tiné, no interior de uma cidade, no início dos anos 2000. Imaginem uma imagem que ensina que outros mundos podem ser imaginados. Mundos em que o glitter não é só no carnaval. Mundos em que Babalu não vire “coisa” na quarta-feira de cinzas. Mundos em que nós não nos percebamos como anormalidades. Mundos em que a natureza é ressignificada. Mundos em que espiritualidades são experienciadas. Imaginem, continuem a imaginar esses mundos, em que a cena é observada por crianças-viadas. Essas crianças-nós-viadas que crescemos vendo possibilidades e que se tornam adolescentes, estudando e ouvindo pela primeira vez o Ney Matogrosso cantar Pavão Misterioso. Adolescentes que conhecem outros adolescentes e jovens. Que ouvem a nova amiga falar de experiências sexuais com outras meninas. Jovens que crescem, entram em um curso de licenciatura em uma Universidade e beijam. Homens. Transam. Não é escondido mais. Usam aplicativos de pegação, inventam pesquisas, se formam. Jovens-adultos que escrevem, sambam, fazem ciência. Se formam como educadores. Que gostam de glitter desde que lembram de Babalu.

Quando imaginamos em criar um mundo novo, nesse mundo tem glitter, nesse mundo tem Babalu?

É, esperamos que sim. Foi Rico Dalasam que cantou “eu vi glitter onde não tinha, você viu glitter, me achou bagunceiro” (Rico, 2020). Não nos achem bagunceiros aqui. Precisamos de vocês, porque pretendemos falar, ouvir, assistir junto algumas coisas e tudo vai estar acontecendo ao mesmo tempo. Ao final, e não criem muita expectativa em relação a isso, esperamos fazer samba e ciência. Quem sabe a gente pode passar um glitter, dançar como Babalu, cantar uma marchinha ao estilo Rico, amar e, sei lá, criar um novo mundo enquanto isso. Juntos. Nós, puxadores de samba, bateria e... Leandro Vieira:

HISTÓRIA PRA NINAR GENTE GRANDE é um olhar possível para a história do Brasil. Uma narrativa baseada nas “páginas ausentes”. Se a história oficial é uma sucessão de versões dos fatos, o enredo que proponho é uma “outra versão”. Com um povo chegado a novelas, romances, mocinhos, bandidos, reis, descobridores e princesas, a história do Brasil foi transformada em uma espécie de partida de futebol na qual preferimos “torcer” para quem “ganhou”. Esquecemos, porém, que na torcida pelo vitorioso, os vencidos fomos nós. (Liesa, 2019, p. 369).

Comissão de Frente

Brasil, meu denço
A mangueira chegou com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato
(Liesa, 2019, p. 377)

Qual país está no retrato?

Qual país não está no retrato?

A Comissão de Frente, ala artística que abre o desfile das escolas de samba, foi nomeada pela Mangueira como “Eu quero um país que não tá no retrato”. E foi descrita como:

a imagem construída de ícones históricos como a Princesa Isabel, o bandeirante Domingos Jorge Velho, o Marechal Deodoro da Fonseca, o imperador D. Pedro I, o missionário José de Anchieta e o “descobridor” Pedro Álvares Cabral se “desmoldura” para revelar o tamanho da grandeza de seus “feitos”. No “avesso deste lugar”, registraremos a grandeza de negros e índios que ficaram à sombra destes, resguardando a importância deles para as futuras gerações (Liesa, 2019, p. 386).

Só essa Comissão de Frente poderia ser uma palestra inteira. Ou poderíamos encerrar esse texto aqui. Mas, queremos continuar reverberando essa criação.

Ela narra. Narrar é criar ficção. A Mangueira está, desde sua comissão, disputando a história do Brasil. A história do seu denço. Dizendo que a história que é narrada de diferentes formas – retrato, livro, palanque, estátuas – está sendo narrada majoritariamente por homens brancos heterossexuais cristãos: o que no Brasil significou, durante séculos, homens escravagistas e genocidas. Ela os nomeia, mas poderíamos falar conceitualmente também: masculinidade, branquitude, cisheteronormatividade, cristianismo. Ou, em outro termo-conceito: colonialidade.

Enrique Dussel (1993) traça as origens da Modernidade no momento em que Colombo se apresenta como “descobridor”. É o momento em que o homem branco católico heterossexual e, principalmente, militar, excitado pelo ouro, chega ao território que habitamos e institui a América. Mas não se faz apenas isso: uma instituição política de terras ou “descoberta”. Ele avança do descobrimento à conquista, passa a “conquistador”. Aí se dá a constituição do primeiro sujeito moderno no mundo. Ou seja, se cria a hierarquização e a tentativa de extermínio do que é inferior — no próprio ideal de melhor/pior, superior/inferior do conquistador. Um extermínio de ideias, formas de pensar, de sentir, de viver.

Aníbal Quijano explica que, nesse momento em que as Américas passam a integrar o emergente capitalismo moderno/colonial, três linhas de classificação são impostas para estruturar

os seres humanos — por muitas vezes destituindo-os dessa humanidade. São elas: trabalho, gênero e raça. Assim, a Colonialidade do Poder, conceito do autor, é entendida como forma de criar e organizar o mundo a partir dessas três frentes, se expandindo em colonialidade da economia, da natureza, das subjetividades, do conhecimento, da sexualidade etc.

Nisso, temos, na prática, a colonialidade produzindo extermínio através de certos modos de utilização dos recursos naturais — mineração, por exemplo —, de distribuição de renda, de produção de conhecimento nas Universidades, de imposições de religiões ocidentais, de regulação das sexualidades, de binarização do mundo etc. Não tratamos mais de caravelas feitas de madeira que flutuam e arrastam mortes, mas de epistemologias de extermínio.

Contar a história dessa forma colonial, cria um mundo em que os nomeados pela Mangureira ganhem atributos virtuosos: Pedro Álvares Cabral é herói; Princesa Isabel é heroína (nossa Sinhá Moça); Duque de Caxias, Castelo Branco ou personagem ainda mais violento do militarismo, são heróis.

Mangureira quer fazer diferente. Quer trazer outros heróis pra nossa história. Quer parar de falar História com H maiúsculo e falar de histórias, no plural. Se o maiúsculo é o *maior*-hegemônico e o hegemônico sempre exclui e acentua as disparidades sociais; Mangureira quer histórias, no plural e no minúsculo. Não menos importantes por ser *menor*, mas mais capilarizadas, populares, contra-hegemônicas.

É fácil perceber como que a História faz esse movimento. E como que a Mangureira, em um samba, quer subverter esses regimes de verdade.

Mas então, você que nos lê pode gritar: e a ciência?

Pode gritar igual vendedor ambulante de bebida no carnaval: oh cachaça oh água oh cervejaaaaa...

Daqui da arquibancada, podemos então, juntas, gritar pra essa Comissão de Frente: oh história, oh amor, oh educação, oh ciênciaaaa...

Alegoria

Brasil, o teu nome é Dandara
Tua cara é de carií
Não veio do céu, nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati
(Liesa, 2019, p. 377)

Alegorias é o nome que se dá aos carros enfeitados que contam histórias em um desfile. Grandiosos, lotados de gentes e efeitos pirotécnicos, eles compõem com o samba-enredo e

costumam encher os olhos da plateia. O “Dragão do mar de Aracati” foi a quarta alegoria da Mangueira a desfilar naquela noite. Foi apresentado como:

uma lúdica, permissiva e carnavalesca releitura épica do visual sugerido pela alcunha “O DRAGÃO DO MAR”. O visual geral exalta a estética negra e a embarcação central que marca a construção cenográfica é cercada por um dragão de estética africanizada, ostentando cinco cabeças e visual dotado de contorno simbólico. (Liesa, 2019, p. 333).

É, a liberdade é mesmo um dragão no mar de Aracati.

A Ciência Moderna explicou ao mundo que dragões não existem.

Antes da Ciência, vivíamos em um mundo de dragões. Não necessariamente porque eles voavam pelo nosso mundo. Mas porque acreditávamos neles. Porque voavam em nossas imaginações.

Que lugar ocupa a imaginação na criação de novos mundos?

Linda Tuhiwai Smith (2019) apresenta a imaginação conectada à criação. É como um caminho para teorização e para proposição, aquilo que vai possibilitar a luta para realizar quereres que ultrapassam o material ou o empírico. Em outras palavras, a imaginação vai construir, é prenhe daquilo que criamos.

Inclusive, para que projetos políticos sejam efetivos — e efetivos em uma perspectiva da descolonização, em especial — será preciso estarem próximos, partirem de e abrirem espaço para as forças imaginativas e criativas. Não é uma ação estática, de alguém que apenas assiste a um desfile ou uma palestra. Longe disso. Imaginar é parte de um fazer, uma prática que mexe, que faz pergunta, que samba.

É junto disso que podemos entendê-la como uma via epistemológica — uma forma de conhecer o mundo que não está encarcerada no que está dado, mas que expande as possibilidades. Aquilo que nos faz olhar para as peças diferentes e montar a colcha de retalhos; sentir-pensar os conceitos, as pessoas, as comunidades, as teorias e as práticas em uma forma inventiva, de (re)conexão, de invenção de outras políticas possíveis.

Por exemplo, ao mesmo tempo em que a palestra acontecia em 2023, outras coisas se imaginavam e se movimentavam na Universidade. Acadêmicas, investigativas, vitais em outros tantos sentidos. Uma delas: a escrita de uma carta de amor — acadêmica, investigativa, vital. Como o enredo da Mangueira, essa escrita também poderia ter sido um samba. Mas acabou como carta.

Uma carta escrita por nós, que dizia assim: “Quando eu era criança, acreditava em saci. Isso porque o avô de uma amiga da minha irmã disse que tinha visto um saci. E daí, telefone sem fio, isso chegou a mim. Bom, não havia porque minha irmã mentir. Não havia porque a amiga da minha irmã mentir. E não havia porque o avô da amiga da minha irmã mentir. Até hoje, enquanto escrevo

isso, penso assim. Acho que ele viu, sim, um saci. É. E daí, saci existe. Mudo minha frase: acredito em saci. E não porque é algo *Cientificamente* comprovado, ou algo catalogado nos livros de... zoologia? (Saci seria outra espécie?) Antropologia?. Mas, muito mais, porque me contaram uma história e eu acreditei. Eu acreditei e, logo, aquilo se tornou um real. No meio de tantos reais, tantos mundos que existem no nosso mundo, eu acho que no meu mundo tem sacis que são avistados por senhores. O que mais tem no meu mundo?”

O amor é um dragão?

A liberdade, sim, a liberdade é um dragão no mar de Aracati.

Dragões não existem. Dragões não existem?

A liberdade é um dragão no mar de Aracati!

Esse Dragão do Mar de Aracati é Francisco José do Nascimento, ou “Chico da Matilde” (sua mãe). Negro, filho de pescadores, liderou uma greve no Porto de Fortaleza na época da escravidão. Ele e seus companheiros jangadeiros, além de não transportar escravizados, escondiam pessoas em suas casas e compravam suas liberdades. Esse movimento ajudou a garantir a abolição no estado e no Brasil.

Apesar de tudo isso, a Ciência Moderna insistiu em criar um mundo sem dragões. Ela ainda insiste? Cabe uma greve de dragões na Ciência Moderna?

A Ciência (Moderna, com letra maiúscula) é uma História (única e com letra maiúscula) que tem criado um mundo. Um mundo em que racismo já foi legitimado, patriarcado e lgbt+fobia também. Um mundo em que fazer ciência é pra poucos. Um mundo em que poucos são reconhecidos e legitimados enquanto cientistas.

Ao mesmo tempo, a Ciência Moderna tem criado um mundo de avanços e desenvolvimentos. Um mundo de vacinas, de criação de formas sustentáveis de lidar com a alimentação. Um mundo de estudos sérios e comprometidos com justiça social.

Ao mesmo tempo, um mundo de mortes por bombas, de violências, de guerra.

Ao mesmo tempo, um mundo em que podemos sonhar com outras possibilidades para nossos corpos.

A Ciência é como um desfile de escola de samba: muitas coisas. É como uma carta de amor que começa falando de sacis. Às vezes contraditória, às vezes um dragão.

Mas a Ciência é sempre uma disputa.

Bateria e sua Rainha

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês
(Liesa, 2019, p. 377)

Em uma Escola de Samba, o coração é a bateria. Responsável por dar o ritmo à andada do desfile na Avenida e por marcar a dança. A da Mangueira foi comandada pelo Mestre Wesley Assumpção e contou com 252 componentes. Todos eles vestindo a fantasia Sapiência Negra: “à moda dos sacerdotes africanos, os ritmistas da Estação Primeira honram a memória dos negros que foram os gurus da sabedoria de seu povo” (Liesa, 2019, p. 356).

À sua frente, sempre uma rainha — Evelyn Bastos, vestindo a fantasia de “A Força Negra de Esperança Garcia”:

figurino de inspiração afro para personificar o espírito guerreiro, viril e juvenil de um nome ainda pouco difundido no imaginário das heroínas brasileiras: ESPERANÇA GARCIA. Mulher negra, escravizada, que, aos dezenove anos, denunciou por escrito as violências que sofria e testemunhava em uma fazenda localizada no Piauí, a 300 km de onde hoje está localizada em Teresina (Liesa, 2019, p. 354).

Já sabemos até aqui quais os mundos previsíveis que a Ciência com letra maiúscula tem criado. Um mundo do desenvolvimento. E não enchemos os olhos com essa palavra-conceito. O que quase ninguém nos conta é que *desenvolvimento* só serve a quem é desenvolvido. E sempre tem que ter um subdesenvolvido. Ou um “em desenvolvimento”. A lógica do desenvolvimento (Acosta, 2019) não permite que todos estejam no mesmo lugar. Porque é a lógica do capitalismo. Historicamente “Desenvolvimento” surgiu há pouco tempo na geopolítica global. É resultado do capitalismo, da colonialidade e da Ciência com C maiúsculo.

Se voltássemos no tempo em outros carnavais, ouviríamos as Meninas cantando:

“Quero me livrar dessa situação precária
Onde o rico cada vez fica mais rico
E o pobre cada vez fica mais pobre
E o motivo todo mundo já conhece
É que o de cima sobe e o de baixo desce
Bom xibom, xibom, bombom”
(Meninas, 1999)

Nós, como as Meninas, queremos nos livrar desse desenvolvimento. E de seus sobrenomes “desenvolvimento sustentável”, “desenvolvimento humano”, “desenvolvimento para cidadania”. Se tem desenvolvimento e se estamos em situação de capitalismo e colonialidade, não há sobrenome que resolva.

E a Ciência, com C maiúsculo, está no centro desse debate e dessa legitimação. Ela não quer resolver.

Mas não existe só a Ciência Moderna.

Chegou a vez de ouvir as ciências das marias, mahins, marielles, malês.

Ciências dos caboclos de julho.

Ciências de aço contra a Ciência Moderna de chumbo.

Ciências que são produzidas nos nossos cantões de Brasil, nas Universidades de estrada de terra, nas gambiarras que fazemos, nas comunidades que forjamos.

Ciências das ancestralidades, das popularidades.

Ciências que vem da imaginação, daquilo que a gente inventa e não apenas reproduz.

Ciências daquilo que são ciências, isto é, ato de ficção, de samba e de amor.

São essas ciências que vão levar a gente pra criação de outros mundos. Pra criação de mundos como esse que a Mangueira cria em um barracão e vivencia em uma avenida. Mundos que a gente experiencia todo dia numa sala de aula. Que a gente vive quando está tomando as ruas com cerveja e marchinhas. Mundos de alimentos, de comida. De trabalho dignificado, de fazeres, de autonomia. Mundos em que estamos operando com outras lógicas que não a da dominação. Em que justiça social é ponto de partida. Em que há comunidades.

E essa criação de outros mundos possíveis que temos nomeado, cada vez mais, de bem viver.

Aqui, o bem viver como uma “cosmovisão” andina, mas que se aproxima (e se vê multiplicada) de tantas outras ao redor do mundo e da história.

Esse termo-conceito, “bem viver”, surge de uma tradução das expressões: *buen vivir* e *vivir bien* — que, por suas vezes, são traduções em espanhol para o *sumak kawsay* do Kichwas (território político equatoriano) e para *suma qamaña* do aymara e *ñande reko* do guarani (ambos do território político da Bolívia). Bem viver é, então, a tradução das traduções.

Eduardo Gudynas (2011) indica que há quem entenda que o bem viver deva ser tratado exclusivamente como uma construção indígena-andina. Mas questionando, em seguida, como seria complicado eleger quais práticas de quais povos indígenas estariam relacionadas ou não ao bem viver, explica que há também a vertente (que se conecta mais) que interroga o local de outras

tradições culturais nessa discussão. Lemos essas interrogações como a aproximação que propomos aqui:

Existe um Bem Viver também nas comunidades de afrodescendentes do Pacífico de Colômbia ou de seringueiros ou castanheiros da Amazônia. Estes grupos vivem na selva, mas não são indígenas nem afrodescendentes. Eles expressam uma intensa mistura que culmina numa originalidade própria, onde seu próprio estilo de vida depende da integridade de certos ecossistemas. Ainda mais. É necessário promover o debate sobre o Bem-Viver em outros contextos, com outros atores. Qual seria o Bem-Viver a que aspiram os vizinhos de uma favela no Brasil? (Gudynas, 2011, p. 9)

Atawallpa Oviedo Freire faz uma provocação em torno do *Buen Vivir* (e aqui escolhemos manter em espanhol). Em função de toda captura que o termo vem sofrendo nos últimos anos no Equador e Bolívia principalmente — pela Academia, constituições, partidos socialistas, etc —, ele tensiona a fazermos uma oposição entre o original *Sumak Kawsay* e o que chama de *Buen Vivir pós-moderno*.

Quando escreve sobre a utilização do primeiro, sua crítica nos atravessa com legitimidade:

quando o mínimo e adequado para um pesquisador responsável e sério, é entrar na consciência de um povo e a partir daí ousar recriar teorias ou sistematizar filosofias, mas se você deseja evitar erros graves, o fundamental é internalizar em seu sangue uma cultura para conversar com propriedade e clareza. Se um modo de vida ou pensamento não está enraizado ao vivê-lo em sua própria carne, torna-se manipulável e deformável (Oviedo Freire, 2012, p. 50).

Ao mesmo tempo, ao ler Atawallpa explicando sobre o Buen Vivir pós-moderno entendo que está ligado a uma grande mistura: de um Buen Vivir platônico, com alguns postulados cristãos e humanistas, conceitos ecologistas, étnicos e socialistas, e princípios muito gerais das “cosmovisões” andinas (Oviedo Freire, 2012). Não acreditamos que nossa aproximação esteja nesse caminho. Tomemos esse cuidado: de praticar o bem viver não como “vida boa”, *la dolce vita*.

O próprio Attawallpa Oviedo Freire aponta uma possibilidade:

Outra coisa é dizer: apresentamos o paradigma do Buen Vivir como um sincretismo de várias tradições e certas correntes do pensamento moderno, como uma nova contribuição ao pensamento crítico multicultural. Mas não a apresente como "Buen Vivir Andino". É mais honesto e apropriado. E a partir daí começar a debater diferentes visões e concepções para estabelecer acordos e respeitar a diversidade. Então, aprender a coexistir entre diferentes complementos, tendo o equilíbrio e a harmonia como um eixo modular da vida (Oviedo Freire, 2012, p. 58).

Nossas ciências-sambas construindo outros mundos possíveis estão aqui.

Bem viver pode funcionar como uma rede, que ajuda a denominar uma série de “cosmovisões” que dizem de certos lugares, tempos, práticas, relações com e entendimento de

mundo e vida. Cosmologias que parecem querer dizer de defesa da vida (de qualquer uma delas e em todas as suas etapas); da noção de comunidade a que estas vidas estão intrincadas — ou, mais em consonância com Floriberto Díaz Gómez (2004), *comunalidade*; do direito (d)a natureza, em uma perspectiva de organização sociobiocêntrica (e não antropocêntrica), de todas as vidas; da espiritualidade que se conecta com esse divino-etéreo da natureza e com rituais que descolonizam mente-corpo; da ideia de ser uma alternativa ao desenvolvimento e a toda essa narrativa de progresso ocidental; e da produção de possibilidade de imaginar outros mundos.

São nessas dimensões que entendemos que uma ciência-samba movimenta quando da criação de outros mundos possíveis. Mundos que trazem a mesma sensação de quando a gente experimenta algodão doce pela primeira vez.

Ou, pra facilitar, mundos das Meninas que cantam:

“...Eu só quero
Educar meus filhos
Tornar um cidadão
Com muita dignidade
Eu quero viver bem
Quero me alimentar”
(Meninas, 1999)

Ala

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Do Brasil que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde-e-rosa as multidões
(Liesa, 2019, p. 377)

Tira a poeira dos porões da ciência.
Faz ciência com heróis de barracões.
Barracões-laboratórios.
Um país de Lecis, umas ciências de Jamelões.
Um país de Lecis, umas ciências de Jamelões.
Um país de Lecis, umas ciências de Jamelões.
Um país de Lecis, umas ciências de Jamelões.
Um país de Lecis, umas ciências de Jamelões.
Mundos outros inventados.
Amores.
E tudo não é mesmo inventado?
O que acontece com a ciência se ela se torna multidões?
Ciências-verde-rosa.
Ciências-multidões.
Que mundos acontecem se isso acontece?

Que mundos são criados se a gente narra isso? Se a gente científica isso? Se a gente samba isso?

Bandeiras

Uma bandeira do Brasil nas cores verde e rosa encerra a apresentação da Escola. O símbolo máximo do patriotismo recebe as cores de uma das mais populares comunidades carentes do território nacional. Simbolicamente, é o morro que abraça a luta em defesa da representatividade popular e determina que “são verde e rosa as multidões”, tal qual sugere o samba que cantamos. É o Brasil assumindo a identidade do morro. É a Mangueira assumindo a identidade do Brasil. (Liesa, 2019, p. 375)

No centro da bandeira, no lugar de “Ordem e Progresso”, vinha escrito “índios, negros e pobres”.

Índios, negros e pobres.

Índios, negros e pobres.

Nos parece um pouco óbvio que falar de samba no Brasil é falar de índios, negros e pobres. Ou melhor, é ouvir índios, negros e pobres. O samba das escolas de samba; o samba dos blocos; o samba que a gente samba de verdade é samba de índios, negros e pobres.

É óbvio. Ou não?

A Mangueira sabe que isso deixou de ser óbvio. Ela sabe que, assim como a história do Brasil, é preciso que a gente afirme que todo esse samba aqui é construído por índios, negros e pobres.

A Mangueira tanto sabe que ela faz uma bandeira disso.

É preciso agitar isso por uma avenida inteira. Se até agora isso não ficou explícito, é DISSO que estamos falando!

Aliás, estamos cantando: *Brasil, meu nego / Deixa eu te contar / A história que a história não conta / O avesso do mesmo lugar / Na luta é que a gente se encontra.*

Tivemos nossa própria bandeira na palestra de 2023. Nas mesmas cores da Mangueira, reescrevemos o enunciado. “universidade-ciências de todes”. Ao final da palestra, nenhuma pergunta. Apenas: podemos pendurar a bandeira na fachada da Universidade? A gente se encontrou na luta da Universidade Pública que viveu seus últimos anos de chumbo. Uma Universidade entorno de uma palestra que se pretendeu desfile, carnaval, amor e samba. Por tudo isso, precisamos nos juntar à Mangueira e dizer também o óbvio.

As formações e as ciências podem ser de índios, negros e pobres.

As formações e as ciências podem ser plurais, pra gente criar mundos plurais.

A gente precisa dizer o óbvio. Cantar o óbvio: *Universidade, minha nega / Deixa eu te contar / A ciência que a ciência não conta / O avesso do mesmo lugar / Na luta é que a gente se encontra.*

E, com isso, faremos formações e ciências de carnaval; ciências Marias, Mahins, Marielles, malês; formações e ciências para justiça social; formações e ciências para criar tantos outros mundos possíveis.

Formações e Ciências em que a gente vai hastear nossas bandeiras.

O que aconteceria se a gente inventasse mundos numa avenida? Ou se a gente criasse vida nas universidades?

Que mundo aconteceria se as ciências da Universidade fossem de índios, negros e pobres?

Ou se as formações e as ciências da Universidade que já são feitas por índios, negros e pobres se assumissem como tal?

A carta de amor escrita concomitante com esse texto, que poderia ter sido um samba ou uma palestra, teve uma resposta. Carnaval também é isso: encontros. Foi uma resposta bonita. E que gerou uma contrarresposta em que se perguntou: “e agora, o que fazemos com isso tudo?”.

Temos a urgência em saber: e agora, que mundos acontecem a partir de uma formação que ocorre numa ciência-Universidade de todes?

Referências

ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Editora Elefante, 2019.

DUSSEL, Enrique. *1492: O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade*. Conferências de Frankfurt. Vozes Editora, Petrópolis. 1993.

DOS REIS, Neilton. *Máquina de fazer comunidades (lgbtqia+) e outras bioengenharías-filosóficas*. Tese de doutorado. 203 páginas. Programa de Pós-Graduação em Educação – Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais. 2022

GUDYNAS, Eduardo. Bem Viver: germinando alternativas para o desenvolvimento. IN: JÁCOME, Márcia Laranjeira; VILLELA, Shirley. *Orçamentos sensíveis a gênero: conceitos*. Brasília: ONU Mulheres, 2011.

LIESA. *Livro Abre-alas 2019: segunda-feira*. Rio de Janeiro: 2019.

MENINAS. *Xibom bombom*. São Paulo: 1999. Meio digital (3min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6QKk5gU-CDI&ab_channel=Bradmary. Acesso em 28 de fevereiro de 2024.

OVIEDO FREIRE, Atawallpa M. El posmoderno buen vivir el ancestral sumakawsay. IN: GARCIA, Alejandro; e CASANOVA, Mauricio (org.). IN: *Construyendo el buen vivir: I Encuentro*

Internacional del Programa de Cooperación Universitaria e Investigación Científica. Cuenca: PYDLOS. 2012Floriberto Díaz Gómez (2004),

RICO Dalasam. *Braille*. São Paulo: 2020. Meio digital (3min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q_7G_Ipyvl4&ab_channel=RicoDalasam. Acesso em 28 de fevereiro de 2024.

TUHIWAI SMITH, Linda. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*; tradução. Roberto G Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2019.